

A MULHER E O JORNALISMO ESPORTIVO CAPIXABA:

Uma minoria crescente ¹

Tamiris Cowosque Costa²
Me. Filipe Chicarino da Silva³
Faculdade Estácio Vitória, Vitória, ES

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo percorrer a história da mulher frente ao jornalismo esportivo no estado do Espírito Santo, a fim de entender os processos de sua integração nesse ambiente e o trabalho que é feito por elas hoje dentro das redações esportivas, especificamente refletindo a respeito de como foi realizada a inserção da mulher na editoria esportiva local como um meio profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo; Gênero no jornalismo; Jornalismo no Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

Há séculos, as diferenças de gênero na sociedade fazem com que a mulher seja tratada como sexo frágil e que suas atividades sempre sejam ligadas à família e ao lar. De acordo com Rago (1985), a mulher só foi apresentada ao espaço público e ao mundo do trabalho no início do século XX com o crescimento urbano e industrial e até a conquista da igualdade em relação a melhores condições de trabalho e salários, elas tiveram que lutar incansavelmente para ter os direitos que hoje lhe são atribuídos, e no jornalismo esportivo, essa realidade não foi diferente. De acordo com pesquisa realizada pelo Perfil do Jornalista Brasileiro, 64% dos jornalistas são mulheres e a maioria delas, 68,8%, atuam nas áreas de assessoria de imprensa e não em editorias específicas do jornalismo.

A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Aluna graduanda do curso de jornalismo da Faculdade Estácio Vitória, e-mail: tamiris.cowosque@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Mestre em Sociologia Política e professor da Faculdade Estácio Vitória, e-mail: reporterchicarino@gmail.com.

Em 1988, a Constituição Federal assegurou em seu primeiro capítulo que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, porém, no Brasil essa igualdade ainda não foi totalmente atingida, tendo como resultados de pesquisas um crescimento significativo das mulheres compondo a classe trabalhadora. De acordo com dados divulgados pelo Fórum Econômico Mundial, a desigualdade entre homens e mulheres no Brasil caiu da 85ª posição em 2015, para 79ª em 2016, entre 144 países que fazem parte do relatório sobre Desigualdade Global de Gênero e de acordo com pesquisa realizada pelo Perfil do Jornalista Brasileiro, 64% dos jornalistas são mulheres e a maioria delas, 68,8%, atuam nas áreas de assessoria de imprensa e não em editorias específicas do jornalismo.

A década de 1970 ficou marcada dentro das redações jornalísticas pelo avanço da mulher no mercado de trabalho, o que evidenciou a luta pela igualdade. Muzart (2003) diz que, os homens que até então eram a maior parte nas redações, tiveram que dividir espaço e atividades com as mulheres e que a divisão das tarefas dependia da editoria em que iria escrever, pois nas décadas anteriores, a mulher que ingressava na redação era escalada para trabalhar na seção de assuntos de interesses do público feminino. “Se convencionou que mulher só podia escrever sobre cozinha, moda e cuidado de bebês” (ARRUDA apud AMARAL, 1978, p. 35).

Uma das primeiras mulheres a fazer cobertura esportiva no Brasil foi a paulista Regiani Ritter, que começou a carreira no ano de 1963 como atriz, porém, nos anos de 1980 foi contratada pela *Rádio Gazeta AM - SP* para apresentar um programa musical e de variedades. Três anos depois, um convite a levou para a área do esporte, em que a jornalista esteve à frente de um programa de crônicas esportivas. Após o trabalho no rádio, Regiani migrou para a TV Gazeta - SP, e participou como comentarista do programa “Mesa Redonda” e também ocupou a função de produtora.

Eu sempre digo, eu não sou a primeira. Outras trabalharam antes de mim. Por que que acham que eu sou a primeira? Porque as que trabalharam antes de mim ficavam 6 meses, 1 ano e paravam, e eu fiquei. Abrir a porta foi muito difícil, mantê-la aberta foi mais difícil ainda⁴.

Regiani sofreu preconceito dos colegas, se firmou e abriu caminhos para muitas jornalistas esportivas. Em 1991 foi escolhida como a melhor jornalista do ano em eleição do jornal “Unidade”, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, e posteriormente, em 1994, teve a oportunidade de cobrir a Copa do Mundo dos Estados Unidos. No ano de 2010, a Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo instituiu o troféu “Regiani Ritter”, que premia todos os anos uma jornalista esportiva de destaque. Com mais de 50 anos de carreira, Regiani ainda leva informações por meio do rádio em dois programas, o “Disparada no Esporte” e o “Revista Geral”, ambos na *Rádio Gazeta AM - SP*, onde iniciou sua carreira e permanece até os dias atuais.

Apesar da desconfiança e preconceito, Coelho (2015) acredita que o aumento da presença da mulher na editoria esportiva é atribuída ao crescimento dos seus interesses por assuntos ligados ao esporte. Dora Rocha (2006) também relata que após a inserção da mulher nas redações, os jornais tiveram uma mudança em seu público.

O que aconteceu nas últimas décadas, paralelamente à entrada das mulheres nas redações, foi que o público leitor também mudou. As páginas de política, de assuntos internacionais, de economia e de esportes em geral, não eram lidas pelas mulheres. Quando liam os jornais elas se interessavam pelas páginas femininas, pelos folhetins, receitas, conselhos, moda. Hoje o público feminino se interessa por todos os temas, e as mulheres são assíduas leitoras das páginas de política e economia (ROCHA, 2006, p.11).

Somente a partir da década de 1990 que a presença feminina nas redações foi relevante, mesmo que as primeiras aparições tenham ocorrido vinte anos antes. De acordo com Coelho (2015), estima-se que no momento atual as mulheres ocupem 10% das vagas destinadas ao jornalismo esportivo, porém, mesmo com esse crescimento, ainda existe preconceito, e devido a isso, elas ainda são encaminhadas para cobertura de esportes “mais fáceis”, como explica Coelho.

⁴ RITTER, Regiani. Regiani Ritter, uma das primeiras mulheres a cobrir futebol. Em entrevista concedida a repórter Fernanda Azevedo. Disponível em: <<https://www.tvgazeta.com.br/videos/regiani-ritter-uma-das-primeiras-mulheres-a-cobrir-futebol/>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. Mas também onde menos mulheres do que homens demonstram conhecimento (COELHO, 2015, p. 35).

A tradição que o jornalismo esportivo levava era a de ser dominada por homens, e as mulheres que hoje atuam precisam provar que são competentes, capazes, e que podem realizar as mesmas funções que eles dentro de campo, visto que se tornou comum a aparição dessas profissionais em pautas esportivas no rádio, na TV e na mídia impressa.

A MULHER NA EDITORIA ESPORTIVA CAPIXABA

Historicamente, quando se compara a implantação dos veículos de comunicação no Espírito Santo com outras capitais ou grandes cidades, percebe-se que este fato se deu de forma tardia. De acordo com Martinuzzo (2008), a imprensa no Estado chegou 32 anos após o surgimento oficial no Brasil e, na cronologia dos periódicos pioneiros, o Espírito Santo só fica à frente do Amazonas e do Paraná, que tornaram-se províncias do Império em 1850 e 1853, respectivamente. Sodré (1999) relata que o primeiro jornal capixaba foi *O Estafeta*, que surgiu apenas em 1840 tendo uma única publicação, e diz ainda que a regularidade nas publicações só apareceram em 1849, com o *Correio da Vitória*.

A participação feminina no jornalismo capixaba se iguala com a história geral, em que as mulheres que atuavam nas redações escreviam sobre assuntos voltados ao público feminino, como no *Jornal da Cidade*, fundado em 1972, que tinha como destaque a coluna social de Maria Nilce, que além de assuntos pertinentes ao público feminino, também levantava críticas e ameaças de denúncia aos envolvidos com o tráfico de drogas da região, e que de acordo com uma reportagem publicada pelo *Portal G1* do Espírito Santo em 4 de fevereiro de 2013, seriam as causas do assassinato da colunista que ocorreu no ano de 1989.

O grande forte do jornal era a polêmica do colunismo social de Maria Nilce, que não se continha ao revelar os casos amorosos da alta

sociedade e falar sobre as roupas e a vida das mulheres da alta sociedade. (MALANQUINI et al., 2008, p. 178).

Atualmente, o estado possui 17 emissoras de televisão aberta concessionadas pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), porém, a pesquisa abordará os veículos que mais se destacam pela abrangência, influência na sociedade capixaba e que lideram a audiência segundo o Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE), como a *TV Gazeta*, afiliada à *Rede Globo*, *TV Vitória*, afiliada à *Rede Record*, *TV Tribuna*, afiliada ao *SBT* e *TV Capixaba*, afiliada da *Rede Bandeirantes*.

Na afiliada capixaba da *Rede Bandeirantes*, há dois programas que são classificados como jornalísticos: o *Jornal Capixaba* e o programa *Jogo Aberto Espírito Santo*, que antigamente era titulado como *Esporte Capixaba*. De acordo com Boldrini, Filho e Pinheiro (2006), o programa *Jogo Aberto* é um dos principais da emissora, e desde sua primeira transmissão, em 1990, nunca deixou de seguir as tendências esportivas da *Rede Bandeirantes*. Quando estreou, contava com jornalistas homens, e apenas a jornalista Mônica Santos fazia parte da equipe. Há 27 anos no ar com a apresentação do radialista Ferreira Neto, hoje a atração possui apenas uma produtora e uma estagiária. Conforme a produtora do programa *Jogo Aberto Espírito Santo* (2017) “Na TV Capixaba já chegamos a ter uma equipe composta por três pessoas na editoria esportiva. Um homem e duas mulheres, mas infelizmente, hoje somente eu e minha estagiária”. Segundo dados cedidos pela emissora, pelo fato da equipe ser reduzida, não há produção de reportagens externas e as matérias veiculadas são produzidas pela *Rede Bandeirantes*, porém, o programa abre espaço para bate papo ao vivo de atletas com o apresentador.

Sobre a *TV Gazeta*, Botacin, Santana e Vieira (2006) descrevem que a área do jornalismo esportivo não foi esquecida e acompanhando a grade da *Rede Globo*, o noticiário esportivo local teve espaço na programação antes da veiculação da edição nacional do *Globo Esporte*.

No final da década de 1970 e início de 1980, a edição local da atração era exibida por volta de 13 horas. Como o próprio *Jornal A Gazeta*, de 29 de setembro de 1983 atesta, o *Globo Esporte – Edição local* “foi desmembrado dos demais noticiários para dedicar maior atenção à área esportiva do Estado. Sua premissa básica é a valorização do futebol profissional, não descuidando, porém, dos setores de

atividades amadoras” (BOTACIN, SANTANA e VIEIRA, 2006, p. 104).

Em março de 2004, a *TV Gazeta* estreou o programa *Estação Esporte* que teve Jorge Buery como apresentador e Adriana Berlinck e Rafaela Marquezini como repórteres, além de também colaborarem na produção e edição das reportagens que eram vinculadas no programa. Conforme Botacin, Santana e Vieira (2006), o programa se pautava em reportagens especiais sobre esportes radicais, aventuras e contava também com o resumo semanal do cenário esportivo no Estado. Eram transmitidos na grade do programa reportagens sobre atletas capixabas, clubes, personalidades e também entrevistas em estúdio. Além do *Estação Esporte*, a *TV Gazeta* também trouxe para o Espírito Santo a edição local do programa *Globo Esporte*, que também teve na produção e apresentação a jornalista Rafaela Marquezini. A atração era transmitida antes da edição nacional e seguia a mesma linha editorial, destacando esportes amadores, clubes e competições estaduais. O programa foi extinto em 2012, e a jornalista migrou do jornalismo esportivo para a bancada do *ESTV 1ª edição*, um dos telejornais de maior audiência no Estado em que permanece até os dias atuais (2018). As notícias de cunho esportivo permanecem e são vinculadas dentro do jornal local nas duas edições diárias e de acordo com dados cedidos pela emissora, apenas dois profissionais homens atuam na produção destes conteúdos para a TV, que vão desde a produção de pautas até a gravação, finalização e apresentação das matérias.

A *TV Vitória* não possui em suas grades de reportagem um espaço específico dedicado ao jornalismo esportivo. Segundo informações cedidas pela empresa, a falta de investimentos no esporte local e nos próprios atletas capixabas podem ser os influenciadores na decisão da emissora em dar ênfase às notícias factuais, que tem um interesse maior do público e que em um momento de crise é priorizado, pois rendem mais telespectadores e receita para a empresa de comunicação.

Na mídia impressa, o Espírito Santo conta com diferentes periódicos diários e semanais, e a pesquisa abordará os três jornais impressos com maior circulação na Grande Vitória, que de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC) são os jornais *A Tribuna*, *A Gazeta* e o *Notícia Agora*, que faz parte da *Rede Gazeta*.

De acordo com levantamento feito no jornal *A Tribuna*, a equipe esportiva é formada por três repórteres homens e uma mulher, que hoje atua como redatora na editoria, porém, na Copa do Mundo de 2014 trabalhou como repórter e cobriu os jogos da Seleção Brasileira. Ainda segundo dados cedidos pela empresa, as notícias esportivas em *A Tribuna* ocupam atualmente cerca de cinco páginas de terça a sexta-feira, aproximadamente sete páginas aos sábados e domingos e, na segunda-feira, pode chegar até dez páginas de publicações esportivas.

Já na pesquisa realizada junto ao jornal *A Gazeta*, atualmente, a editoria segue com dois homens e uma mulher na equipe de reportagem, um editor e uma profissional na função de editora adjunta, que auxilia no fechamento das reportagens esportivas dos jornais impressos, e a mesma equipe é responsável pelas produções para o portal *Gazeta Online* e jornais *A Gazeta* e *Notícia Agora*. As páginas de notícias esportivas no jornal *A Gazeta* variam de acordo com as demandas de cada dia. Normalmente, podem chegar até a oito páginas diárias, tendo em vista que aos domingos e segundas-feiras, as páginas podem aumentar devido aos jogos do final de semana. Já o jornal *Notícia Agora*, que também tem circulação diária, possui as mesmas notícias que o jornal *A Gazeta*, mas por ser uma publicação popular e com características de leitura fácil e rápida, tem uma linguagem mais enxuta e objetiva.

Nos portais online, a pesquisa se baseou no *Globo Esporte Espírito Santo*, no *Tribuna Online* e no *Folha Vitória*. A equipe do *Globo Esporte Espírito Santo* é composta somente por homens, sendo um editor, um repórter e um estagiário. Conforme informações cedidas pela empresa, o foco principal é o futebol capixaba, notícias sobre os times, técnicos e jogadores, no entanto, de uma forma reduzida, os esportes amadores também têm destaque.

O portal *Tribuna Online* é recente e é composto pela mesma equipe do jornal impresso. Segundo informações cedidas pela empresa, serão definidos critérios e estruturas estão sendo preparadas para uma melhor adequação dos conteúdos online.

Já o portal *Folha Vitória* tem uma equipe formada por um editor, sete repórteres e quatro estagiários, sendo destes, uma repórter e duas estagiárias. De acordo com

informações da empresa, a editoria esportiva é atualizada com informações de todo o país e as matérias locais são produzidas em pouca quantidade. Ainda no *Folha Vitória* são veiculados blogs, como o *Blog Corrida de Rua*, que é assinado pela jornalista Daniela Künsch e o *Blog Louca por Esporte*, produzido e assinado pela jornalista Lívia Albernaz que trás informações sobre o mercado do futebol capixaba e demais modalidades.

A MULHER NO ESPORTE: POR DENTRO DAS REDAÇÕES CAPIXABAS

A última seção deste artigo buscou entrevistar profissionais de imprensa que trabalham diretamente na contratação de jornalistas, entre eles, os que atuam na editoria esportiva. Foram entrevistados editores e gerentes de jornalismo dos seguintes veículos de comunicação: TV Capixaba, jornais *A Gazeta* e *Notícia Agora*, portais *Gazeta Online* e *Globoesporte.com/ES*, jornal *A Tribuna* e portal *Tribuna Online*. A escolha destes veículos de comunicação se deu por conta de serem as mídias de massa que mais possuem jornalistas na editoria de esportes. A intenção do uso da entrevista como método para esta pesquisa se deu por conta da necessidade de entender o motivo pelo qual as redações citadas possuem um número de jornalistas mulheres inferior ao de homens.

As entrevistas com as fontes foram feitas por e-mail. Cada entrevistado respondeu a cinco questões centrais que nortearam a execução desta última seção. Como foi abordado na seção anterior, atualmente, 35% dos jornalistas que trabalham com esporte na região metropolitana de Vitória são mulheres. Diante disso, foi questionado o motivo pelo qual a editoria esportiva é tão masculinizada.

A gerente de jornalismo da *TV Capixaba* acredita que a ausência de mulheres na cobertura esportiva pode estar relacionada à falta de interesse e afinidade das jornalistas para este tipo de editoria. Ainda de acordo com a gerente de jornalismo, o fato do futebol capixaba não ter a mesma expressão que em outros estados como, Rio de Janeiro e São Paulo, contribui para o desinteresse profissional feminino.

O editor do caderno de esportes do jornal *A Tribuna* também aponta o desinteresse das mulheres pela editoria. Para justificar, diz que jornalistas homens são os que mais buscam oportunidade na área esportiva do periódico. Porém, o editor ressalta que o veículo busca dar espaço para o público feminino. “O jornal sempre teve presença de mulheres, seja na equipe de repórteres ou no fechamento. No caso, nos cargos de editor e redator”. As afirmativas dos entrevistados acima tem conformidade com Coelho (2015), que relata que a presença feminina da redação esportiva está relacionada com seus interesses a assuntos pertinentes ao esporte.

Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 1970. A coisa mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino. Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. (COELHO, 2011, p.34).

Já o editor da área de esportes que falou pelos jornais *A Gazeta* e *Notícia Agora* e pelos portais *Gazeta Online* e *Globoesporte.com/ES* fez uma análise ainda mais aprofundada. Segundo ele, a pouca representatividade de mulheres na editoria esportiva está atrelada a um problema cultural.

Infelizmente, trata-se de uma questão cultural nacional que possui traços ainda mais fortes na esfera local. É importante citar que apesar de vivermos em um país rico em talentos nos diversos esportes, a mídia esportiva deposita a maior parte de seus esforços e recursos na cobertura do futebol. Destacado isso, podemos compreender que o jornalismo esportivo reflete muito da cultura do futebol, em um país que o esporte ainda é tratado como coisa para homem.

O segundo questionamento foi referente aos critérios de contratações adotados pelas empresas de comunicação. A gerente de jornalismo da *TV Capixaba* argumentou que não existe seletividade de gênero na contratação e que são respeitadas questões como experiência, disponibilidade e capacitação profissional.

A resposta do editor esportivo de *A Tribuna* não difere da apresentada pela gerente de jornalismo da *TV Capixaba*. Porém, ele ressalta que, independente do gênero, o jornalista que se candidata a uma vaga no caderno de esportes tem de estar disponível para trabalhar aos finais de semana.

Já o editor de esportes da *Rede Gazeta* também afirmou que não existe distinção de homem ou mulher, mas ressaltou que, durante a contratação, os profissionais que possuem um nível elevado de conhecimento esportivo, capacidade de escrever com clareza e objetividade e que tenha facilidade com novas tecnologias têm mais chances de ser contratado pela empresa.

Outro ponto abordado com os entrevistados foi em relação à igualdade de condições de trabalho jornalístico. A gerente de jornalismo da *TV Capixaba* afirmou que não existe distinção de trabalho na prática cotidiana do jornalismo.

O editor de esportes de *A Tribuna* explicou que não existe uma setorização na editoria. Porém, quando um repórter tem afinidade com determinada modalidade esportiva, a tendência é de que este profissional cubra mais pautas sobre este esporte. “Se tenho um repórter com mais afinidade com vôlei, por exemplo, é natural que ele faça mais vezes pautas sobre isso”.

O editor da editoria esportiva dos veículos da Rede Gazeta salientou que não há diferença na atuação tanto de homens quanto de mulheres. “Todos os repórteres devem estar preparados para atuar na cobertura de qualquer assunto”.

O quarto questionamento feito junto aos jornalistas com funções de liderança diz respeito à história da mulher no jornalismo esportivo. Como foi argumentado por Coelho (2015) na seção três, normalmente as mulheres eram encaminhadas para editorias de esportes amadores, pois demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis era mais fácil do que o futebol ou automobilismo, que são territórios onde o machismo ainda se faz presente.

A gerente de jornalismo da *TV Capixaba* argumentou que, atualmente, não existe mais espaço para este tipo de diferenciação de gênero que marcou a história do jornalismo brasileiro. “Inclusive, o Jogo Aberto Espírito Santo é comandado por uma mulher. É ela quem define os temas, o que o público vai assistir em casa com base nos critérios jornalísticos”.

No jornal *A Tribuna*, apesar de ter apenas uma jornalista no caderno de esportes, as mulheres são maioria nas demais editorias. É o que afirmou o editor da editoria esportiva do periódico. “Elas estão cobrindo pautas de todos os assuntos. De esporte a polícia, passando por política, economia, cidades e cultura”. Essa afirmação é alinhada ao pensamento da pesquisadora Dora Rocha (2006), que relata que nas últimas décadas, paralelamente à entrada das mulheres nas redações, houve uma mudança no público leitor, e reitera que atualmente, o público feminino se interessa por todos os temas e são leitoras assíduas das páginas de política e economia.

Na Rede Gazeta, o editor esportivo afirma que as mulheres são tratadas de forma natural, pois são consideradas especialistas no assunto. “Uma vez que foram contratadas para desempenhar a função é porque se mostraram aptas e com o potencial necessário”.

A última questão buscou saber dos profissionais se a falta de representatividade feminina na editoria esportiva está relacionada à ausência de especialização. A gerente de jornalismo da TV Capixaba não acredita nesta relação.

O editor de esportes de *A Tribuna* defende que a ausência feminina na editoria pode estar atrelada ao grau de interesse e que, como em qualquer outro segmento profissional, a qualificação é um ponto positivo, tanto para homens quanto para mulheres. “O caminho é o mesmo dos homens: estudar, ter qualidade, buscar especializações e demonstrar competência”.

A opinião do editor de esportes da Rede Gazeta não é diferente dos demais entrevistados. Entretanto, ele aponta a restrição de vagas e a redução de oportunidades para justificar a ausência de mulheres no segmento esportivo jornalístico.

Desde que me tornei editor tive apenas uma oportunidade para contratar e só homens se apresentaram para a vaga. Mas vejo que o interesse das mulheres pela área de esporte vem aumentando, o que, com o tempo, irá se refletir na representatividade feminina no mercado.

Os entrevistados não atribuem o machismo ou o preconceito como influenciadores do quadro reduzido de mulheres que atuam na editoria esportiva dos veículos de

comunicação de massa capixaba. Porém, quando se olha para a realidade nacional, percebe-se que os homens são maioria absoluta. Uma reportagem publicada no portal UOL em 07 de dezembro de 2016 mostrou que, na TV fechada, apenas 13% dos profissionais que trabalham na frente das câmeras são mulheres. Elas não estão na apresentação, nos comentários ou na narração. Os papéis que ocupam, quando ocupam, são ligados à produção ou reportagem.

No país do futebol, a mulher é maioria absoluta. Porém, mesmo com 6,3 milhões a mais que os homens, nas coberturas esportivas a mulher ainda é considerada uma minoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol não é apenas a paixão de boa parte dos brasileiros, mas também uma marca tatuada na cultura do país. Por isso, fica até difícil imaginar que, nas primeiras décadas do século passado, o jornalismo esportivo era tratado com tamanho preconceito e irrelevância por atores sociais de dentro e de fora da imprensa brasileira. Mesmo com diferentes periódicos reportando notícias esportivas, somente com o advento do rádio e posteriormente a televisão e a internet que a relação do público consumidor de informação com a imprensa esportiva consolidou-se.

Um grande marco na história do jornalismo esportivo no Brasil foi a integração da mulher em uma editoria totalmente masculinizada. A editoria, por si só, já era inferiorizada, o que dificultou, ainda mais, a aceitação feminina neste contexto profissional. A conquista da mulher no mercado de trabalho evidenciou a luta pela igualdade. Se antes elas eram encaminhadas apenas para editorias voltadas para o público feminino, hoje, apesar de ainda serem minoria no jornalismo esportivo, elas trabalham em pé de igualdade em relação aos homens na cobertura esportiva em todo país.

No Espírito Santo, a imprensa teve uma implantação tardia em relação as outras capitais ou grandes cidades. Tratando-se da inserção feminina, a história não se difere. Atualmente, nos veículos de comunicação capixaba, as redações são compostas por um número considerável de mulheres, porém, nas editorias esportivas, o público feminino

representa, apenas, 35% do quadro de jornalistas. De acordo com os dados levantados neste artigo, a principal justificativa para essa a inferiorização representativa das mulheres na editoria esportiva regional tem relação direta com a falta de interesse por parte das profissionais, em função de um condicionamento histórico cultural em que as mulheres foram submetidas, pois o jornalismo esportivo, até então, tem um reflexo maior na cultura do futebol que ainda é considerado uma modalidade esportiva para homens. Outro agravante levantado foi a redução de vagas de atuação em todas as áreas jornalísticas, o que implica claramente em áreas específicas como a do jornalismo esportivo.

Diante do exposto, conclui-se que a pouca representatividade feminina na editoria esportiva regional, do ponto de vista dos profissionais que contratam jornalistas nestas redações, está diretamente atrelada à falta de interesse das mulheres pela área. Ainda de acordo com análise de dados, as questões de qualificação para atuar na editoria, critérios de contratações e condições de trabalho não se diferem ao comparar profissionais homens e mulheres. Mesmo os homens sendo maioria nas redações esportivas, não foi verificada seletividade de gênero na contratação de profissionais para essas editorias, nem tampouco as mulheres são preteridas nesse tipo de seleção, pois os critérios de contratação são os mesmos para ambos os sexos. Apesar destas afirmativas, ser jornalista esportiva no Espírito Santo pode ser considerado um desafio, pois em um Estado onde diariamente são publicadas notícias de violência contra mulheres, relatos de preconceito e até mesmo agressão por estar cumprindo o seu trabalho em campo, a escolha pela profissão faz com que mulheres apaixonadas por esporte continuem a batalha pela igualdade de gênero no jornalismo esportivo local e nacional.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de; ROCHA, Dora (Orgs.). **Elas ocuparam as redações:** depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMARAL, Luis. **Jornalismo: Matéria de primeira página.** 2 ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, INL, 1978.

BOLDRINI, Thama, FILHO, Abdo, PINHEIRO, Thassiana. A TV Capixaba em foco. In: MARTINUZZO, José Antonio (Org.). **Roda VT! A televisão capixaba em panorâmica**. Vitória: Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2006.

BOTACIN, Fábio, SANTANA, Roger, VIEIRA, Elaine. A televisão no Brasil e os primórdios capixaba e TV Gazeta – Trinta anos de uma longa história. In: MARTINUZZO, José Antonio (Org.). **Roda VT! A televisão capixaba em panorâmica**. Vitória: Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

GAZETA ONLINE. **Jornal notícia agora** – Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/01/500015-jornal+noticia+agora.html>. Acesso em 26 de outubro de 2017.

IBOPE, **Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado – 23/10 a 29/10**. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-2310-a-2910/>>. Acesso em 03 de novembro de 2017.

IVC – Instituto Verificador de Circulação. Auditorias. Jornais - **A mais completa base de dados sobre circulação de jornais no Brasil, com ranking nacional, regional e estadual**. Disponível em: <<https://www.ivcbrasil.org.br/#/auditorias>> Acesso em 26 de outubro de 2017.

MALANQUINI et al., Os grandes projetos no desenvolvimento do estado. In MARTINUZZO, José Antonio (Org.). **Quase 200 – A imprensa na história capixaba**. Vitória: Imprensa Oficial, 2008.

MARTINUZZO, José Antonio (Org.). **Quase 200 – A imprensa na história capixaba**. Vitória: Imprensa Oficial, 2008.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro** - características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX**. Estudos Feministas, volume 11, número 01, Florianópolis, 2003.

PORTAL G1 ESPÍRITO SANTO. **Empresário suspeito de mandar matar colunista social é preso no ES** – Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2013/02/empresario-suspeito-de-mandar-matar-colunista-social-e-preso-no-es.html>> Acesso em 25 de outubro de 2017.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RITTER, Regiani. Regiani Ritter, uma das primeiras mulheres a cobrir futebol. Disponível em: <<https://www.tvgazeta.com.br/videos/regiani-ritter-uma-das-primeiras-mulheres-a-cobrir-futebol/>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SRD - **Sistema de Controle de Radiodifusão** - Disponível em: <<http://sistemas.anatel.gov.br/se/public/view/b/srd.php>> Acesso em 25 de outubro de 2017.

TV GAZETA, Espírito Santo. **O ano de realizações pessoais e profissionais de Rafaela Marquezini** - Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/tvgazetaes/noticia/2014/12/o-ano-de-realizacoes-pessoais-e-profissionais-de-rafaela-marquezini.html>>. Acesso em 21 de outubro de 2017.

UOL SÃO PAULO. **“Intrusas” no gramado** – como o ambiente machista ataca mulheres que trabalham com esporte. Disponível em: <<https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado>>. Acesso em 16 de novembro de 2017.

VITÓRIA, Folha. **Blog corrida de rua**. Disponível em: <<http://www.folhavoria.com.br/esportes/blogs/corridaderua/>>. Acesso em 06 de novembro de 2017.

VITÓRIA, Folha. **Blog louca por esportes**. Disponível em: <<http://www.folhavoria.com.br/esportes/blogs/loucaporesportes/>>. Acesso em 06 de novembro de 2017.

WENTZEL, Marina. **Brasil levará 95 anos para alcançar igualdade de gênero, diz Fórum Econômico Mundial**. Disponível em <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37758080>>. Acesso em 02 de setembro de 2017.